

O dia em que comemoramos o deserto da Amazônia

Autor(a): Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy

Publicado em: 28 de julho de 2019

Publicação: conjur_import

Link JurisTube: <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-dia-em-que-comemoramos-o-deserto-da-amazonia>

Fonte original: <https://conjur.com.br/2019-jul-28/embargos-culturais-dia-comemoramos-deserto-amazonia>

Identificador citável: juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-dia-em-que-comemoramos-o-deserto-da-amazonia#ep-43e1209f

Resumo

SpaccaNa literatura, mais do que na vida, tudo é possível. Mas na vida, às vezes tanto quanto na literatura, o impossível ocorre. Imaginem que a Amazônia virou um imenso deserto. Imaginem que esse deserto foi anunciado como a nona maravilha do mundo. Imaginem que essa tragédia fo

Texto integral

Na literatura, mais do que na vida, tudo é possível. Mas na vida, às vezes tanto quanto na literatura, o impossível ocorre. Imaginem que a Amazônia virou um imenso deserto. Imaginem que esse deserto foi anunciado como a nona maravilha do mundo. Imaginem que essa tragédia foi comemorada. Leiam Não Verás País Nenhum, um livro de Ignácio de Loyola Brandão, publicado em 1981[1], e essa imaginação pavorosa se tornará uma descrição real, assustadora. O livro é originado de um conto, no qual Souza, o personagem central, descobriu que tinha um furo na mão. Sua vida então mudou. Não Verás País Nenhum é uma obra imperdível da literatura brasileira contemporânea. É um livro absolutamente atual. Comprova que nossa literatura também conta com uma obra de distopia muito bem elaborada, igual ou superior a 1984, de Orwell, a Admirável Mundo Novo, de Huxley, ou mesmo a alguns filmes, como Blade Runner, de Ridley Scott. Neste último, um estranho vilão, Rutger Hauer. Na distopia de Loyola, o vilão é o próprio ser humano. O livro é de tirar o fôlego. Pode parecer, no entanto, e muitas vezes, que se lê um jornal em tempo próximo, ou amargamente presente. Confiram. Ambientado em uma São Paulo futurista, o romance aterroriza. Souza é um professor compulsoriamente aposentado, que vive com Adelaide. O aquecimento global fez com que a temperatura alta fosse insuportável. Não havia mais água. Bebia-se urina reciclada. Não havia mais frutas ou verduras ou carnes ou peixes. Comia-se produtos industrializados, que imitavam sabores que um dia se conheceu. Devorava-se uma saladinha de brotos artificiais com salsichas sintéticas. Havia feijão, fabricado em laboratório, que virava sopa, borracha, cola, gelatina, que era pegajosa na boca. Os odores da natureza e da memória desapareceram. Comprava-se, em lojas superlotadas, e mediante o uso de fichas, o cheiro de flores, da chuva, da terra molhada. A sociedade era controlada pelos Civiltares, policiais temidos pela excelente pontaria e rapidez. A cidade era dividida em zonas impenetráveis. Os Bairros Privilegiados — como não poderia deixar de ser — abiscoitavam tudo o que podiam. Os cientistas viraram uma categoria mínima e marginalizada. Para que ciência?, perguntavam os líderes do Esquema, grupo que exercia o poder. As opiniões e jornais não circulavam, proibidos que estavam pelos Interditos Postais. A quantidade

de automóveis chegou a tal ponto que um congestionamento intenso, interminável e estático tomou conta das ruas. Por isso, os veículos foram abandonados, todos, em filas intermináveis. Tornaram-se cemitérios, devassados por todos, que dos imprestáveis automóveis furtavam tudo, pneus, bancos, espelhos. Não havia mais buzinas. Os Departamentos Circulantes regulavam o trânsito de pessoas, fixando Áreas de Circulação, com entradas rigidamente controladas, denominadas de Bocas de Distrito. O caos urbano era absoluto. Havia ratos por todas as partes. Eram combatidos com um Sônico Antirratos, que reproduzia, em som de alta frequência, o guincho que um rato produz após a cópula. Lê-se no romance que a rata entende o recado, porque o rato quer ficar só, justamente porque, satisfeito com o impulso sexual, precisa se recuperar. É esse o barulho (talvez inaudível para nós humanos) que espantava os roedores. Não se precisava saber ler. Tudo era explicitado por sinais, “nenhuma palavra, mas um código específico que o povo aprendeu (...) um símbolo para cada coisa, banheiro, bar, restaurante, centro, dentista, farmácia, viaduto, ponte, túnel, perigo, favela, escola”[2]. Frases, períodos, ideias, conceitos, objetos, conexões tornaram-se símbolos. Se Não Verás País Nenhum fosse escrito hoje (porque toda ficção é na verdade uma leitura do próprio tempo), talvez esses símbolos reproduziriam figurinhas de telefones inteligentes, que identificam sorrisos, beijos, piscadas, apreensões e corações. Comunicam. Porém encolhem as capacidades de comunicação. Intrigante a passagem do livro quando se anunciou a derrubada da última árvore da Amazônia[3]. O governo (Esquema) estava orgulhoso com a grande conquista. Era um feito digno dos governos que pensam no futuro, assinalava o romancista. O governo dava ao país uma das grandes maravilhas do mundo. Não apenas a África podia se orgulhar de possuir o seu deserto do Saara. Também podíamos contar com um deserto maravilhoso, “centena de vezes maior do que o Saara, mais belo (...) magnificante”[4]. Que maravilha, as dunas, o leito seco dos rios. Possuíamos o maior e mais belo deserto do mundo. Os ricos iriam se divertir, passeando pelo deserto da Amazônia, em grandes caravanas, “fantasiados de árabes”[5]. Segundo o romancista, helicópteros desceriam nas areias mornas do deserto da Amazônia, trazendo “a elite misturada a dançarinas de ventre”[6]. Literal e literariamente, transformamo-nos em uma terra das mil e uma noites. Não Verás País Nenhum é um livro imperdível, que revela a agudeza, a premonição e a sensatez de um de nossos maiores escritores. Estamos avisados. [1] Tenha cá comigo uma belíssima edição da Global. Ignácio de Loyola Brandão, Não verás país algum, São Paulo: Global, 2008. [2] Ignácio de Loyola Brandão, cit., p. 59. [3] Essa fascinante e aterrorizante narrativa está nas pp. 65 e ss. [4] Ignácio de Loyola Brandão, cit., p. 65. [5] Ignácio de Loyola Brandão, cit., p. 66. [6] Ignácio de Loyola Brandão, cit., loc. cit.

Como citar este documento

As citações abaixo seguem os padrões ABNT NBR 6023:2018, APA 7ª edição, Chicago Author-Date (17ª ed.) e BibTeX (LaTeX). Copie o formato exigido pelo periódico ou gerenciador bibliográfico (Zotero, Mendeley, EndNote).

ABNT (NBR 6023:2018)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. O dia em que comemoramos o deserto da Amazônia. conjur_import, 28 jul. 2019. Disponível em:

<https://conjur.com.br/2019-jul-28/embargos-culturais-dia-comemoramos-deserto-amazonia>. Acesso via: JurisTube — Acervo Digital de Direito. Disponível em: <https://juristube.com.br/colonistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-dia-em-que-comemoramos-o-deserto-da-amazonia>. Acesso em: 30 set. 2026.

APA 7ª edição

Godoy, A. S. D. M. (2019, July 28). O dia em que comemoramos o deserto da Amazônia. *conjur_import*. <https://conjur.com.br/2019-jul-28/embargos-culturais-dia-comemoramos-deserto-amazonia>

Chicago Author-Date (17ª ed.)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. 2019. "O dia em que comemoramos o deserto da Amazônia." *conjur_import*, July 28. <https://conjur.com.br/2019-jul-28/embargos-culturais-dia-comemoramos-deserto-amazonia>

BibTeX

```
@article{arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy-o-dia-em-que-comemoramos-o-deserto-da-am-2019,
author = {Godoy, Arnaldo Sampaio de Moraes},
title = {O dia em que comemoramos o deserto da Amazônia},
journal = {conjur_import},
year = {2019},
url =
{https://conjur.com.br/2019-jul-28/embargos-culturais-dia-comemoramos-deserto-amazonia},
urldate = {2019-07-28}
}
```



Licença de Uso — CC BY-NC-SA 4.0

Este conteúdo está licenciado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). O uso para fins acadêmicos e educacionais é permitido, desde que citada a fonte original (JurisTube) conforme as normas técnicas indicadas neste documento.

Termos completos:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br>

JurisTube — Acervo Digital de Direito

<https://juristube.com.br/colonistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/o-dia-em-que-comemoramos-o-deserto-da-amazonia>

PDF gerado em 2026-09-30 21:11 UTC